

A photograph of a narrow street in Lisbon, Portugal, featuring tram tracks running down the center. The street is flanked by multi-story buildings with balconies and windows. The scene is captured in a perspective view, leading the eye down the street towards a distant horizon. The lighting suggests late afternoon or early morning, with long shadows and a warm glow. A dark vertical bar is on the left side of the image.

afirma Pereira

ANTONIO
TABUCCHI

afirma Pereira
um testemunho

ANTONIO TABUCCHI

afirma Pereira
um testemunho

Tradução
Roberta Barni



Estação Liberdade

Título original: *Sostiene Pereira: una testimonianza*

© Antonio Tabucchi, 1994

© Editora Estação Liberdade, 2021, para esta tradução

Todos os direitos reservados.

Preparação LAURA RIVAS GAGLIARDI

Revisão EDITORA ESTAÇÃO LIBERDADE

Supervisão editorial LETÍCIA HOWES

Capa CIRO GIRARD

Foto de capa ANUP KUMAR/UNSPLASH

Edição de arte MIGUEL SIMON

Editor ANGEL BOJADSEN

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

T118a

Tabucchi, Antonio, 1943-2012

Afirma Pereira : um testemunho / Antonio Tabucchi ; tradução Roberta Barni. -

1. ed. - São Paulo : Estação Liberdade, 2021.

160 p. ; 21 cm

Tradução de: *Sostiene pereira : una testimonianza*

ISBN 978-65-86068-50-4

1. Romance italiano. I. Barni, Roberta. II. Título.

21-72267

CDD: 853

CDU: 82-31(450)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

27/07/2021 27/07/2021

Todos os direitos reservados à Editora Estação Liberdade. Nenhuma parte da obra pode ser reproduzida, adaptada, multiplicada ou divulgada de nenhuma forma (em particular por meios de reprografia ou processos digitais) sem autorização expressa da editora, e em virtude da legislação em vigor.

Esta publicação segue as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, Decreto nº 6.583, de 29 de setembro de 2008.

Editora Estação Liberdade Ltda.

Rua Dona Elisa, 116 — Barra Funda — 01155-030

São Paulo – SP — Tel.: (11) 3660 3180

www.estacaoliberalidade.com.br

NOTA

O doutor Pereira visitou-me pela primeira vez numa noite de setembro de 1992. Naquela época, ele ainda não se chamava Pereira, ainda não tinha traços definidos, era algo vago, fugidio e indistinto, mas já tinha vontade de ser protagonista de um livro. Era apenas um personagem à procura de um autor. Não sei por que escolheu logo a mim para ser contado. Uma hipótese possível é que no mês anterior, num tórrido dia de agosto em Lisboa, eu também tinha feito uma visita. Lembro-me nitidamente daquele dia. Pela manhã, tinha comprado um jornal da cidade e lera a notícia de que um velho jornalista falecera no Hospital de Santa Maria de Lisboa, e podia ser visitado para a última homenagem na capela do hospital. Por discrição, não quero revelar o nome dessa pessoa. Direi apenas que era uma pessoa que eu conhecera de passagem, em Paris, no final dos anos 1960, quando ele, como exilado português, escrevia para um jornal parisiense. Era um homem que exercera sua profissão de jornalista por volta de 1945, em Portugal, sob a ditadura de Salazar, e que conseguira pregar uma peça na ditadura salazarista, publicando num jornal português um artigo feroz contra o regime. Depois, naturalmente, passou a ter sérios problemas com a polícia e teve que escolher o caminho do exílio. Eu sabia que depois de 1974, quando Portugal restabeleceu a democracia, ele tinha voltado para seu país, mas nunca mais o encontrei. Ele não escrevia mais, estava aposentado, não sei como vivia, infelizmente tinha sido esquecido. Naquele período, Portugal levava a vida alvoroçada e agitada de um país que reencontrava a democracia após cinquenta anos de ditadura.

Era um país jovem, dirigido por gente jovem. Ninguém lembrava mais de um velho jornalista que no final dos anos 1940 havia se oposto com determinação à ditadura salazarista.

Fui visitar o corpo às duas da tarde. A capela do hospital estava deserta. O caixão estava aberto. Esse senhor era católico, e haviam deixado sobre seu peito um crucifixo de madeira. Detive-me a seu lado uns dez minutos. Era um velho rechonchudo, ou melhor, gordo. Quando o conhecera em Paris, era um homem de uns cinquenta anos, ágil e esperto. A velhice e talvez uma vida difícil tinham feito dele um velho gordo e flácido. Aos pés do caixão, sobre um pequeno atril, achava-se um registro aberto que trazia as assinaturas dos visitantes. Havia alguns nomes escritos, mas eu não conhecia ninguém. Talvez fossem seus antigos colegas, gente que vivera com ele as mesmas batalhas, jornalistas aposentados.

Em setembro, como dizia, Pereira, por sua vez, veio me visitar. Na hora não soube o que lhe dizer, e, no entanto, compreendi confusamente que aquele vago semblante que se apresentava com o aspecto de um personagem literário era símbolo e metáfora: de algum modo, era a transposição fantasmática do velho jornalista a quem eu fora levar a última saudação. Senti-me constrangido, mas o recebi com carinho. Naquela noite de setembro, compreendi vagamente que uma alma, que vagava no espaço do éter, precisava de mim para se narrar, para descrever uma escolha, um tormento, uma vida. Naquele privilegiado espaço de tempo que antecede a hora de pegar no sono e que, para mim, é o espaço mais idôneo para receber as visitas dos meus personagens, disse a ele que voltasse novamente, que se abrisse comigo, que me contasse sua história. Ele voltou, e eu logo encontrei um nome para ele: Pereira. Em português, Pereira, como todos os nomes das árvores

frutíferas, é um sobrenome de origem hebraica, assim como na Itália os sobrenomes de origem hebraica são nomes de cidades. Com isso, quis prestar uma homenagem a um povo que marcou largamente a civilização portuguesa e que foi vítima de grandes injustiças da História. Mas havia outro motivo, este de origem literária, que me impelia para esse nome: um pequeno entreato de Eliot intitulado “What about Pereira?”, em que duas amigas evocam, em seu diálogo, um misterioso português chamado Pereira, do qual nunca se saberá nada. Do meu Pereira, ao contrário, eu começava a saber muitas coisas. Em suas visitas noturnas, ia-me contando que era viúvo, cardíaco e infeliz. Que amava a literatura francesa, em particular os escritores católicos do entre-guerras, como Mauriac e Bernanos, que tinha obsessão pela ideia da morte, que seu melhor confidente era um franciscano chamado padre Antônio, com quem se confessava receoso de ser um herético por não acreditar na ressurreição da carne. Depois, as confissões de Pereira, unidas à imaginação de quem escreve, fizeram o resto. Encontrei para Pereira um mês crucial de sua vida, um mês tórrido, o mês de agosto de 1938. Reconsidereei a Europa à beira do desastre da Segunda Guerra Mundial, a guerra civil espanhola, as tragédias do nosso passado recente. E, no verão de 1993, quando Pereira, que já tinha se tornado um velho amigo, contou-me a sua história, eu pude escrevê-la. Escrevi-a em Vecchiano, em dois meses também tórridos, de intenso e árduo trabalho. Por uma venturosa coincidência, terminei de escrever a última página em 25 de agosto de 1993. E quis registrar aquela data na última página porque este é para mim um dia importante: o aniversário de minha filha. Pareceu-me um sinal, um auspício. No dia feliz do nascimento de um filho meu, também nascia, graças ao poder

da escrita, a história da vida de um homem. Talvez, na imperscrutável trama dos eventos que os deuses nos concedem, tudo isso tenha seu significado.

ANTONIO TABUCCHI

Este texto foi publicado no
Il Gazzettino, em setembro de 1994.

1

Afirma Pereira tê-lo conhecido num dia de verão. Um esplêndido dia de verão, cheio de sol e ventilado, e Lisboa reluzia. Parece que Pereira estava na redação, sem saber o que fazer, o diretor de férias, ele atrapalhado para levantar a página de cultura, porque agora o *Lisboa* já tinha uma página cultural, que lhe fora confiada. E ele, Pereira, refletia sobre a morte. Naquele belo dia de verão, com a brisa atlântica acariciando o topo das árvores e o sol resplandecendo, e a cidade que cintilava, literalmente cintilava sob sua janela, e um azul, um azul jamais visto, afirma Pereira, de uma limpidez que quase machucava os olhos, ele começou a pensar na morte. Por quê? Isso Pereira não consegue dizer. Vai ver porque seu pai, quando ele era criança, tinha uma agência funerária que se chamava “Pereira, a dolorosa”, vai ver porque sua mulher tinha morrido de tuberculose alguns anos antes, vai ver porque ele era gordo, sofria do coração e tinha pressão alta, e seu médico tinha dito que se continuasse daquele jeito não lhe restaria muito tempo mais, mas o fato é que Pereira começou a pensar na morte, afirma. E por acaso, por puro acaso, começou a folhear uma revista. Era uma revista literária, que, no entanto, também tinha uma seção de filosofia. Uma revista de vanguarda, talvez, disso Pereira não tem certeza, mas que tinha muitos colaboradores católicos. E Pereira era católico, ou pelo menos naquele momento sentia-se católico, um bom católico, mas havia algo em que não conseguia acreditar, na ressurreição da carne. Na alma, sim, claro, porque tinha certeza de possuir uma alma; mas toda a sua carne, aquela gordura que

cercava sua alma, pois bem, aquela não, aquela não voltaria a ressurgir, e além do mais, por quê?, perguntava-se Pereira. Toda aquela banha que o acompanhava diariamente, o suor, a falta de ar ao subir as escadas, por que haveriam de ressurgir? Não, Pereira não queria mais isso tudo, em outra vida, por toda a eternidade, e não queria acreditar na ressurreição da carne. Assim começou a folhear aquela revista com descaso porque se sentia entediado, afirma, e encontrou uma matéria que dizia: “De uma tese defendida no mês passado na Universidade de Lisboa, publicamos uma reflexão sobre a morte. Seu autor é Francisco Monteiro Rossi, que se graduou em filosofia com excelentes notas; o que segue é apenas um trecho de seu ensaio, porque talvez no futuro ele venha a colaborar outras vezes em nossa publicação.”

Afirma Pereira que no começo se pôs a ler, distraidamente, o artigo que não tinha título, depois voltou para trás maquinalmente e copiou um trecho. Por que fez isso? Pereira não consegue dizê-lo. Talvez porque aquela revista de vanguarda católica o incomodasse, talvez porque naquele dia estivesse cheio de vanguardas e catolicismos, mesmo sendo ele profundamente católico, ou talvez porque naquele momento, naquele verão reluzindo sobre Lisboa, com toda aquela massa pesando sobre ele, detestasse a ideia da ressurreição da carne, mas o fato é que começou a copiar a matéria, talvez para poder jogar a revista no lixo.

Afirma que não a copiou por inteiro, copiou apenas algumas linhas que são as seguintes e que pode documentar: “A relação que caracteriza de modo mais profundo e geral o sentido de nosso ser é a da vida com a morte, porque a limitação de nossa

existência por meio da morte é decisiva para a compreensão e a avaliação da vida.” Em seguida, pegou a lista telefônica e disse a si mesmo: Rossi, que nome estranho, não pode haver mais do que um Rossi na lista, afirma ter discado um número, visto que daquele número se lembra bem, e do outro lado ouviu uma voz que disse: alô. Alô, disse Pereira, aqui é do *Lisboa*. E a voz disse: pois não? Bem, afirma ter dito Pereira, o *Lisboa* é um jornal de Lisboa, lançado há poucos meses, não sei se o viu, somos apolíticos e independentes, porém, acreditamos na alma, quero dizer que temos tendências católicas, e gostaria de falar com o senhor Monteiro Rossi. Pereira afirma que do outro lado houve um momento de silêncio, e em seguida a voz disse que Monteiro Rossi era ele mesmo e que de fato não pensava muito na alma. Pereira, por sua vez, ficou alguns segundos em silêncio, porque lhe parecia estranho, afirma, que uma pessoa que assinara reflexões tão profundas sobre a morte não pensasse na alma. Imaginou, portanto, que houvesse algum engano, e imediatamente seu pensamento voltou-se para a ressurreição da carne, que era sua ideia fixa, e disse que havia lido um artigo de Monteiro Rossi sobre a morte, e depois disse que também ele, Pereira, não acreditava na ressurreição da carne, se era isso que o senhor Monteiro Rossi estava querendo dizer. Enfim, Pereira atrapalhou-se, afirma, e isso o irritou; irritou-se sobretudo consigo mesmo, porque tinha se dado ao trabalho de telefonar para um desconhecido e de falar daquelas coisas delicadas, aliás, tão íntimas, como a alma e a ressurreição da carne. Pereira arrependeu-se, afirma, e na hora até chegou a pensar em colocar o fone no gancho, mas depois, sabe-se lá por quê, encontrou forças para continuar e, assim, disse que ele se chamava Pereira,

doutor Pereira, que dirigia a página de cultura do *Lisboa* e que, claro, por enquanto o *Lisboa* era um jornal vespertino, enfim, um jornal que obviamente não podia concorrer com os outros jornais da capital, mas que, tinha certeza, iria deslanchar, mais cedo ou mais tarde, e era verdade que por enquanto o *Lisboa* dava espaço principalmente à coluna social, mas, enfim, agora haviam decidido publicar uma página cultural, que saía aos sábados, e a redação ainda não estava completa e por isso ele precisava de pessoal, de um colaborador externo que fizesse uma rubrica permanente.

Afirma Pereira que o senhor Monteiro Rossi balbuciou de imediato que iria à redação naquele mesmo dia, disse também que o trabalho lhe interessava, que todos os trabalhos lhe interessavam, até porque, pois sim, tinha mesmo necessidade de trabalhar, agora que tinha terminado a faculdade e precisava sustentar-se, mas Pereira teve a precaução de dizer que na redação, não, por enquanto era melhor não, quem sabe poderiam se encontrar fora, na cidade, e que era melhor marcar um encontro. Disse isso, afirma, por não querer receber uma pessoa desconhecida naquela salinha desolada da rua Rodrigo da Fonseca, onde um ventilador asmático zumbia e onde sempre havia um fedor de fritura por causa da zeladora, uma megera que olhava todos com ar desconfiado e que não fazia outra coisa senão fritar. E depois não queria que um desconhecido percebesse que toda a redação cultural do *Lisboa* se resumia a ele, Pereira, um homem que suava de calor e de mal-estar naquele buraco, e enfim, afirma Pereira, perguntou se poderiam se encontrar na cidade, e ele, Monteiro Rossi, disse: hoje à noite, na praça da Alegria, há um baile popular com canções e violões, eu fui

convidado para cantar uma canção napolitana, sabe, eu sou meio italiano, mas não sei napolitano, de qualquer forma o dono do local reservou-me uma mesinha ao ar livre, e na mesa haverá um cartãozinho com o nome Monteiro Rossi, o que o senhor acha de nos encontrarmos lá? E Pereira disse que sim, afirma, colocou o fone de volta no gancho, enxugou o suor, e depois lhe veio uma ideia maravilhosa, a de preparar uma breve rubrica intitulada “Efemérides”, e pensou em publicá-la já no sábado seguinte, e assim, quase maquinalmente, talvez porque pensasse na Itália, escreveu o título: “Há dois anos falecia Luigi Pirandello”. E depois, abaixo, escreveu o cabeçalho do artigo: “O grande dramaturgo havia apresentado em Lisboa o seu *Sonho ou talvez não*”.

Era vinte e cinco de julho de mil novecentos e trinta e oito, e Lisboa cintilava no azul de uma brisa atlântica, afirma Pereira.

2

Pereira afirma que naquela tarde o tempo virou. De repente a brisa atlântica parou, e do oceano chegou uma espessa cortina de névoa, e a cidade ficou envolvida por um sudário de calor. Antes de deixar o seu escritório, Pereira olhou o termômetro, que comprara do seu próprio bolso e que pendurara atrás da porta. Marcava trinta e oito graus. Pereira desligou o ventilador, encontrou a zeladora pelas escadas, que disse até logo doutor Pereira, sentiu mais uma vez aquele cheiro de fritura que pairava no átrio e finalmente saiu ao ar livre. O mercado do bairro

ficava do outro lado da rua, bem na frente do portão, e a Guarda Nacional Republicana postava-se ali com duas caminhonetes. Pereira sabia que o mercado estava agitado porque no dia anterior, no Alentejo, a polícia tinha matado um carreteiro que abastecia o mercado e que era socialista. Por isso, a Guarda Nacional Republicana postava-se diante das grades do mercado. Mas o *Lisboa* não tivera coragem de dar a notícia, ou melhor, o vice-diretor, porque o diretor estava de férias, estava em Buçaco, desfrutando o ar fresco e as termas, e quem poderia ter a coragem de dar uma notícia daquelas, a de que um carreteiro socialista fora massacrado no Alentejo em sua carroça, respingando sangue em seus melões? Ninguém, porque o país se calava, não podia fazer outra coisa senão calar, e enquanto isso as pessoas morriam e a polícia mandava e desmandava. Pereira começou a suar, porque pensou novamente na morte. E pensou: esta cidade fede a morte, a Europa toda fede a morte.

Foi ao Café Orquídea, que ficava bem pertinho, depois do açougue kosher, sentou-se a uma mesinha, mas dentro do local, porque ali pelo menos havia ventiladores, e do lado de fora não dava para aguentar o calor. Pediu uma limonada, foi ao toalete, enxaguou mãos e rosto, mandou vir um charuto, pediu o jornal da tarde, e Manuel, o garçom, levou-lhe logo o *Lisboa*. Não vira as provas naquele dia, por isso o folheou como se fosse um jornal desconhecido. Dizia a primeira página: “Partiu hoje de Nova York o iate mais luxuoso do mundo”. Pereira demorou-se na manchete, em seguida olhou a foto. Era uma imagem que retratava um grupo de pessoas de chapéu de palha e camisa, abrindo garrafas de champanhe. Pereira começou a suar, afirma, e pensou de novo na ressurreição da carne. Quer

dizer que — pensou —, se eu ressurgir, terei que me encontrar com essa gente de chapéu de palha? Pensou estar mesmo com aquela gente do iate num porto qualquer da eternidade. E a eternidade pareceu-lhe um lugar insuportável, oprimido por uma cortina de quentura nevoenta, com pessoas que falavam inglês e que brindavam exclamando: Oh, oh! Pereira pediu mais uma limonada. Considerou se seria o caso de ir para casa tomar um banho fresco ou se não seria melhor ir visitar seu amigo vigário, o padre António da igreja das Mercês, com quem se confessara alguns anos antes, quando morrera sua mulher, e que costumava visitar uma vez por mês. Pensou que era melhor visitar o padre António, talvez lhe fizesse bem.

E foi o que fez. Afirma Pereira que daquela vez esqueceu-se de pagar. Levantou-se apático, aliás, desligado, e simplesmente foi embora, deixando na mesa seu jornal e seu chapéu, talvez porque com tamanha quentura não tivesse vontade de usá-lo, ou porque ele era assim mesmo, esquecia os objetos.

Padre António estava acabado, afirma Pereira. As olheiras cavavam-lhe as faces, e tinha um ar esgotado, como de quem não dormiu. Pereira perguntou o que acontecera, e padre António disse: como pode, você não ficou sabendo? Massacraram um alentejano em sua carroça, há greves aqui, na cidade e em outros lugares, afinal em que mundo vive, você que trabalha num jornal?, ouça Pereira, vá se informar.

Pereira afirma ter saído perturbado por essa breve conversa e pelo modo como fora despachado. Perguntou-se: em que mundo eu vivo? E veio-lhe a estranha ideia de que ele, talvez, não vivesse, era como se já estivesse morto. Desde que sua mulher falecera, ele vivia como se estivesse morto. Ou melhor:

só fazia pensar na morte, na ressurreição da carne, em que não acreditava, e em bobagens desse gênero, sua vida não passava de sobrevivência, de uma ficção de vida. E sentiu-se esgotado, afirma Pereira. Conseguiu arrastar-se até o ponto de bonde mais próximo, e tomou um bonde que o levou até o Terreiro do Paço. E enquanto isso, pela janela, olhava sua Lisboa desfilando lentamente, olhava a avenida da Liberdade, com seus belos palacetes, e depois a praça do Rossio, de estilo inglês; e desceu no Terreiro do Paço, tomando outro bonde, que subia até o Castelo. Desceu à altura da Catedral, pois morava lá perto, na rua da Saudade. Subiu com dificuldade a ladeira que levava até sua casa. Tocou para a zeladora porque não tinha vontade de procurar as chaves do portão, e ela, que também lhe servia de empregada, foi abrir. Doutor Pereira, disse a zeladora, fritei um bife rolê para o jantar. Pereira agradeceu e subiu lentamente as escadas, apanhou a chave debaixo do capacho, onde sempre a guardava, e entrou. Na entrada, deteve-se diante da estante, onde estava o retrato de sua mulher. Ele mesmo tinha tirado aquela fotografia, em mil novecentos e vinte e sete, durante uma excursão a Madri, e ao fundo se via a silhueta maciça do Escorial. Desculpe-me por estar um pouco atrasado, disse Pereira.

Afirma Pereira que havia algum tempo tinha criado o hábito de falar com o retrato de sua mulher. Contava-lhe o que havia feito durante o dia, confiava-lhe seus pensamentos, pedia conselhos. Não sei em que mundo eu vivo, disse Pereira ao retrato, até o padre António me disse, o problema é que só penso na morte, parece-me que o mundo todo morreu ou que esteja prestes a morrer. Depois Pereira pensou no filho que não tiveram. Ele, sim, adoraria ter um filho, mas não podia pedir isso àquela

mulher frágil e sofredora que passava noites insones e longos períodos no sanatório. E lamentou. Porque agora, se tivesse tido um filho, um filho já crescido com quem sentar-se à mesa e falar, não precisaria falar com aquele retrato que aludia a uma viagem distante da qual mal se lembrava. E disse: bom, que se há de fazer?, que era a sua fórmula de despedida do retrato da mulher. Depois foi à cozinha, sentou-se à mesa e tirou a tampa que cobria a frigideira com o bife rolê. Estava frio, mas não tinha vontade de esquentá-lo. Comia-o sempre assim, do jeito que a zeladora o deixava: frio. Comeu rapidamente, foi ao banheiro, lavou as axilas, trocou de camisa, colocou uma gravata preta e pôs um pouco de perfume espanhol que restava num frasco comprado em mil novecentos e vinte e sete, em Madri. Depois vestiu um paletó cinza e saiu para ir à praça da Alegria, porque já eram nove da noite, afirma Pereira.

3

Pereira afirma que, naquela noite, a cidade parecia estar nas mãos da polícia. Encontrou-a por toda parte. Tomou um táxi até o Terreiro do Paço, e, sob os pórticos, havia caminhonetes e agentes com mosquetes. Talvez temessem manifestações ou concentrações nas praças; por isso vigiavam os pontos estratégicos da cidade. Ele teria gostado de prosseguir a pé, porque seu cardiologista lhe havia recomendado exercício, mas não teve coragem de passar diante daqueles militares sinistros; assim, tomou o bonde que percorria a rua dos Fanqueiros e cujo

ponto final ficava na praça da Figueira, onde ele desceu, afirma, encontrando mais polícia. Dessa vez, teve que passar diante dos pelotões, e isso lhe provocou um ligeiro mal-estar. Ao passar, ouviu um oficial dizendo a seus soldados: e lembrem-se, rapazes, de que os subversivos sempre estão armando emboscadas, é bom ficar de olhos bem abertos.

Pereira olhou à sua volta, como se aquele conselho tivesse sido dirigido a ele, e não lhe pareceu haver necessidade de ficar de olhos bem abertos. A avenida da Liberdade estava tranquila, o quiosque dos sorvetes, aberto, e algumas pessoas tomavam ar fresco às mesinhas. Ele começou a passear tranquilamente pela calçada central e, àquela altura, afirma, começou a ouvir a música. Era uma música doce e melancólica, de guitarras de Coimbra, e achou estranha aquela combinação, de música e polícia. Pensou que viesse da praça da Alegria e de fato assim era, porque, à medida que se aproximava, a música aumentava de intensidade.

Não parecia mesmo a praça de uma cidade em estado de sítio, afirma Pereira, porque não viu polícia, aliás, viu somente um guarda noturno que lhe pareceu bêbado e que cochilava num banco. A praça estava enfeitada com festões de papel, com luzinhas coloridas amarelas e verdes, presas em fios pendurados de uma janela à outra. Havia umas mesinhas ao ar livre e alguns casais dançavam. Depois viu uma faixa, pendurada em duas árvores da praça, em que havia uma inscrição enorme: “Salve Francisco Franco”. E abaixo, em letras menores: “Salve os militares portugueses na Espanha”.

Afirma Pereira que só naquele instante compreendeu tratar-se de uma festa salazarista, e que por isso não necessitava ser

vigiada pela polícia. E só então percebeu que muitas pessoas estavam de camisa verde e lenço no pescoço. Parou aterrorizado, e num só instante pensou em várias coisas diferentes. Pensou que talvez Monteiro Rossi fosse um deles, pensou no carroceiro alentejano que havia manchado de sangue seus melões, pensou no que diria o padre António se o visse naquele lugar. Pensou em tudo isso e sentou-se no banco onde o guarda noturno dormitava, e deixou-se levar por seus pensamentos. Ou melhor, deixou-se levar pela música, porque a música, apesar de tudo, lhe agradava. Havia dois velhinhos tocando, viola um, guitarra o outro, e tocavam músicas pungentes da Coimbra de sua juventude, de quando era estudante universitário e pensava na vida como num porvir radiante. Naquela época, ele também tocava viola nas festas estudantis, e era magro e ágil, e as moças se apaixonavam por ele. Tantas moças bonitas loucas por ele. E ele, no entanto, apaixonara-se por uma mocinha frágil e pálida, que escrevia poesias e vivia com dor de cabeça. Depois pensou em outras coisas de sua vida, mas essas Pereira não quer relatar, porque afirma que são dele e somente dele e que não acrescentam nada àquela noite e àquela festa onde tinha ido parar contra sua vontade. E depois, afirma Pereira, a certa altura viu um jovem alto e esbelto usando uma camisa clara levantar-se de uma mesinha e se enfiar no meio dos dois músicos velhinhos. E, sabe-se lá por quê, sentiu um aperto no coração, talvez porque lhe pareceu reconhecer-se naquele jovem, lhe pareceu reencontrar a si próprio dos tempos de Coimbra, porque de algum modo se parecia com ele, não nos traços, mas nos movimentos, e um pouco nos cabelos, que lhe caíam num cacho sobre a testa. E o jovem começou a cantar uma canção italiana,

“ **E àquela altura Pereira**

lembrou-se de uma frase que seu tio, literato fracassado, sempre lhe dizia, e proferiu-a. Disse: a filosofia parece só tratar da verdade, mas talvez só diga fantasias, e a literatura parece só tratar de fantasias, mas talvez diga a verdade. Monteiro Rossi sorriu e disse que parecia uma bela definição para as duas disciplinas.

Tradução
Roberta Barni

ISBN 978-65-86068-50-4



9 786586 068504



Estação Liberdade